



PERCEPÇÃO DE FUMICULTORES SOBRE RISCOS OCUPACIONAIS NO CULTIVO DO TABACO EM MUNICÍPIO DO RIO GRANDE DO SUL

Pâmela Fernanda de Moura Herber; Luciane Maria Schmidt Alves

A fumicultura constitui uma das principais fontes de renda da agricultura familiar. Entretanto, o cultivo do tabaco expõe os trabalhadores a riscos ocupacionais de natureza química, física, ergonômica e psicossocial, capazes de comprometer a saúde e a qualidade de vida. A falta de informações e a escassez de ações educativas em saúde ampliam essa vulnerabilidade. Este estudo teve como objetivo compreender a percepção de fumicultores sobre os riscos ocupacionais e os agravos associados ao trabalho no cultivo do tabaco em um município do interior do Rio Grande do Sul. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada em pequenas propriedades rurais. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com agricultores entre 25 e 56 anos, com tempo de experiência de 8 a 45 anos. Foram incluídas famílias residentes na zona rural, cuja principal atividade econômica era a fumicultura, abrangendo homens e mulheres com idades entre 18 e 59 anos. Excluíram-se agricultores que não se dedicavam exclusivamente ao tabaco. O contato com as famílias foi viabilizado por meio do Sindicato Rural do município. Ao todo, foram entrevistadas dez famílias, sendo a amostra encerrada por saturação teórica, conforme Minayo (2014). Os resultados mostraram que todos os agricultores relataram apreciar a atividade pela autonomia proporcionada. Quanto à escolaridade, 70% possuíam apenas o ensino fundamental. A totalidade afirmou utilizar agrotóxicos e equipamentos de proteção individual (EPIs), embora a maioria não soubesse justificar sua importância. As principais fontes de informação foram orientadores agrícolas, cursos e redes sociais. No tocante à saúde, 80% relataram dores decorrentes do esforço físico, sendo persistentes em 60% dos casos. O estresse e a sobrecarga emocional foram mencionados por 90% dos participantes. Além disso, 10% apresentaram sintomas compatíveis com intoxicação por agrotóxicos, frequentemente confundidos com a Doença da Folha Verde do Tabaco. Observou-se baixa



procura por serviços de saúde, utilizados por 90% apenas em situações de maior gravidade. Conclui-se que há necessidade de implementar programas de educação em saúde e estratégias de sensibilização que favoreçam a compreensão dos riscos ocupacionais, incentivem o uso adequado dos EPIs e promovam práticas de autocuidado. Tais ações podem contribuir para prevenir agravos e melhorar as condições de saúde e segurança dos fumicultores.